

SANCHES, João (João Alberto Lima Sanches). **Rapsódia: uma estratégia pós-moderna para o drama?**. Salvador: PPGAC-UFBA. Universidade Federal da Bahia; Doutorado; Cleise Furtado Mendes. Bolsa CAPES. Dramaturgo e Diretor.

RESUMO

O artigo apresenta uma reflexão sobre algumas estratégias de composição recorrentes em dramaturgias contemporâneas que podem ser relacionadas à noção de *rapsódia*, formulada pelo dramaturgo e teórico francês Jean-Pierre Sarrazac, e ao princípio de *multiplicidade*, tal como abordado pelo escritor Ítalo Calvino no livro *Seis propostas para o próximo milênio*. O artigo desenvolve uma associação entre *multiplicidade*, procedimentos *rapsódicos* de construção dramática e considerações sobre a pós-modernidade. Para isso, escritos do filósofo Jean-François Lyotard e do sociólogo Michel Maffesoli são utilizados como referência, além da noção de *princípio* da escritora, atriz e pesquisadora Sônia Rangel.

Palavras-chave: Dramaturgia; Rapsódia; Pós-modernidade.

ABSTRACT

The article focuses on some strategies of composition that are recurrent in contemporary dramaturgy and which can be related to the notion of rhapsody, formulated by the french playwright and theorist Jean-Pierre Sarrazac, and to the principle of *multiplicity*, approached by the writer Italo Calvino in the book *Six proposals for the next millennium*. The article develops an association between the principle of *multiplicity*, rhapsodic procedures of dramatic construction and considerations about postmodernity. Writings of the philosopher Jean-François Lyotard and of the sociologist Michel Meffesoli are used as reference, and also the notion of *principle* as discussed by the actress and researcher Sonia Rangel.

Keywords: Dramaturgy; Rhapsody; Post-modernity.

Em seus estudos sobre processos de criação, a escritora, atriz e pesquisadora Sônia Rangel apresenta algumas noções operativas que podem auxiliar na compreensão da invenção e da recepção de obras artísticas. Entre suas contribuições, gostaria de destacar a noção de *princípio*. Segundo Rangel (2006), *princípio* é “[...] aquela unidade molecular que, ao ser retirada da obra e do seu pensamento, lhe esvazia sentido, configuração, vitalidade” (RANGEL, 2006, p. 312). Para a autora, um *princípio* difere de um conceito, uma vez que um conceito preexiste, precede a ação, tende a modelar o objeto. Já um *princípio* é da ordem do reconhecimento, organiza a existência de uma obra, está desatrelado de tempos, espaços, hierarquias, opera através da aproximação, da compreensão, da invenção. Rangel ainda afirma que a noção equivaleria ao que o escritor Ítalo Calvino (1990) defende em *Seis Propostas para o Próximo Milênio*, livro que reúne cinco conferências do autor, realizadas

em Harvard, nas quais são abordadas cinco qualidades, ou cinco valores da criação literária – cinco *princípios* que o autor preconiza.

A última das propostas presentes no livro de Calvino se refere ao *princípio de multiplicidade*. Ao comentar obras de diferentes autores como Carlo Emilio Gadda, Robert Musil, Proust, Flaubert, Joyce, Eliot, Borges, entre outros, Calvino aborda a narrativa como “[...] enciclopédia, como método do conhecimento e, principalmente, como rede de conexões entre os fatos, entre as pessoas, entre as coisas do mundo” (CALVINO, 1990, p.121). Através de diversos exemplos de procedimentos, o autor comenta características de construções narrativas que estão relacionadas ao princípio da multiplicidade, como a superposição de diversos níveis de linguagem e significado (o que daria um caráter enciclopédico à obra); a consideração da presença simultânea de elementos heterogêneos na determinação dos eventos; o caráter inconclusivo das narrativas; a fragmentação dos discursos; a tendência às escritas breves; a obra como amostragem ficcional das infinitas possibilidades de narração, entre outros aspectos.

Alguém poderia objetar que quanto mais a obra tende para a multiplicidade dos possíveis mais se distancia daquele *unicum* que é o *self* de quem escreve, a sinceridade interior, a descoberta de sua própria verdade. Ao contrário, respondo, quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis. (CALVINO, 1990, p.138).

Atualmente, a multiplicidade de algumas estratégias recorrentes de escrita pode estar relacionada com perspectivas de pensamento que muitos estudiosos associam a uma suposta *pós-modernidade*. Em seu livro *A condição pós-moderna* (2011), lançado pela primeira vez em 1979, o filósofo francês Jean-François Lyotard discute a legitimação do saber nas sociedades pós-industriais, abordando o fim das grandes narrativas, ou metarrelatos unificadores, que pretendiam explicar a existência de maneira totalizante. Este questionamento dos discursos universalizantes, anunciado por Lyotard no final da década de 1970, ainda hoje pode ser observado na tendência contemporânea em reconhecer o caráter múltiplo do mundo, do conhecimento e daquilo que entendemos por identidade. Neste contexto, outro tipo de legitimação do conhecimento se estabelece. Cada vez mais, o saber assume-se como provisório, parcial, aberto a indefinidas possibilidades de desenvolvimento. Isto se reflete tanto na temática quanto na estruturação das obras artísticas, em seus diferentes modos de construção poética.

Embora Lyotard seja considerado o autor que iniciou o debate sobre a condição pós-moderna, existem diferentes entendimentos sobre o que seria a "pós-modernidade", uma série de autores escrevem sobre o tema com enfoques diversos. Entre tantos, destaco o sociólogo francês Michel Maffesoli que aborda o tema com uma perspectiva compreensiva, identificada com o pensamento de Max Weber e Émile Durkheim. Nas diversas obras de Maffesoli, é possível encontrar reflexões sobre questões contemporâneas, ou pós-modernas, que são associadas à valorização da multiplicidade. Um exemplo é a ideia de tribalismo pós-moderno, presente em grande parte de sua

obra e que ilumina uma série de questões e comportamentos atuais. Para o autor, é possível definir as tribos pós-modernas como formas de compartilhamento de gostos específicos: tribos musicais, esportivas, sexuais, culturais, religiosas. Seria a partir de emoções, paixões e afetos específicos que se pensaria e organizaria os elos sociais na pós-modernidade. Neste ambiente, haveria a preconização do respeito à diversidade como contraposição ao universalismo a partir do qual fomos habituados a imaginar o mundo. Maffesoli (2012) destaca que a mentalidade moderna haveria se constituído nos séculos XVII, XVIII e XIX, período no qual as disparidades teriam sido apagadas por uma tendência a submeter todo entendimento à regra clássica da unidade. Deus seria uno, a identidade do indivíduo também deveria ser única, o Estado deveria ser unificado etc. Já na pós-modernidade, a multiplicidade seria valorizada como alternativa a toda essa unificação do sentido, do viver. As tribos pós-modernas seriam exemplos da dinâmica múltipla das sociedades ocidentais, evidenciada pelas novas gerações: "Elas não procuram mais uma utopia longínqua, abstrata e um pouco racional, mas uma fragmentação em pequenas utopias intersticiais vividas, bem ou mal, no dia a dia, aqui e agora" (MAFFESOLI, 2012, p. 54).

Acredito que as ideias de Lyotard sobre o processo pós-moderno de legitimação do saber, assim como as reflexões de Maffesoli sobre uma série de comportamentos e dinâmicas sociais, podem ajudar a compreender determinados modos de construção das dramaturgias contemporâneas que se identificam com o princípio da *multiplicidade* abordado por Calvino. Estratégias recorrentes da produção atual como a fragmentação das fábulas, a recusa a um sentido unívoco, a constante relativização dos discursos, a busca por efeitos de polifonia, a utilização de recursos metalinguísticos etc., podem ser associadas tanto às diversas características da *condição pós-moderna* quanto ao princípio da *multiplicidade*. Talvez, o correto seja afirmar que a *multiplicidade* seria um *princípio pós-moderno* e que podemos reconhecê-lo em grande parte da produção dramática contemporânea.

Neste sentido, a noção de *rapsódia*, formulada pelo dramaturgo e teórico Jean-Pierre Sarrazac (2002) em seu livro *O Futuro do Drama*, é capaz de sintetizar uma série de estratégias de criação já mencionadas. A partir do estudo de autores europeus, em sua maioria franceses, como Bernard-Marie Koltés, Michel Vinaver, Armand Gatti, André Benedetto, mas também Brecht, Beckett, Pirandello, entre outros, Sarrazac aborda diversos procedimentos criativos os quais associa a uma *pulsão rapsódica*, a um gesto de *autor-rapsodo*. É possível reconhecer nestes procedimentos comentados por Sarrazac o princípio de multiplicidade e outras tantas qualidades que, baseando-me em formulações de Lyotard e Maffesoli, adjetivaria de pós-modernas. Segundo Sarrazac (2002), estaria em desenvolvimento atualmente uma dramaturgia das passagens, do trânsito, dos limiares, onde todas as eventualidades da vida (reais, ou imaginárias) pudessem ser expostas simultaneamente.

A obra dramática encontra-se isenta da obrigação de seguir o encadeamento cronológico dos acontecimentos. Ela explora, numa abordagem diferencial e aleatória, as potencialidades de cada situação. Surge, então, um teatro dos possíveis, cuja primeira intuição remonta a Brecht, quando este inculcava nos actores a técnica do "não-antes-

pelo-contrário" [...] Mas, aquilo que em Brecht estava ainda implícito torna-se hoje explícito. Assiste-se, no teatro de Gatti ou Benedetto, à radicalização e à transposição para o domínio da literatura de um método de trabalho característico do actor brechtiano" (SARRAZAC, 2002, p.64-65).

A ideia de dramaturgias *rapsódicas* se refere a construções híbridas, compostas por momentos dramáticos, épicos, líricos, argumentativos, entre outros possíveis. A noção tem, inicialmente, uma ligação com as concepções brechtianas de *montagem* e *gesto*. A pulsão *rapsódica*, fluxo de costura e descostura, explicitaria o gesto da montagem que compõe os textos, colocaria o *dramaturgo-rapsodo* em primeiro plano, ao contrário da ideia tradicional de um autor dramático que procuraria "se esconder" atrás das personagens, se ausentar do próprio texto. Nas dramaturgias atuais, seria frequente a explicitação da voz desse *autor-rapsodo*, através da qual é possível perceber um impulso questionador da soberania do ficcionamento. Como exemplo, ao referir-se às obras do dramaturgo francês André Benedetto, Sarrazac sintetiza uma estratégia que me parece recorrente nas dramaturgias contemporâneas (e mesmo nas narrativas mencionadas por Calvino): "Impelida pela incessante meditação do autor sobre as personagens e sobre a fábula, a dramaturgia progride por hipóteses que se vão substituindo umas às outras, que se vão sucedendo sem nunca se anularem" (SARRAZAC, 2002, p. 63). Nesta perspectiva, a dinâmica *rapsódica* corresponderia à estética do descontínuo, à preconização da irregularidade contra a uniformidade e a unidade, ao gosto pela fragmentação da fábula, aos efeitos de polifonia, à auto-referencialização constante, à desestabilização das noções tradicionais de personagem e diálogo, enfim, a uma série de transformações nas concepções tradicionais do drama, que podem ser identificadas com princípios pós-modernos.

O estudo que realizo no nível do doutorado procura compreender algumas dessas estratégias sem, no entanto, fazer previsões de futuro. O interesse do estudo é refletir sobre questões formais da produção dramática contemporânea, estabelecendo relações com transformações culturais de nossas sociedades. Não estou certo se temos um novo paradigma de pensamento e cultura, se entramos mesmo num novo tempo (a pós-modernidade), não se trata de adotar uma lógica historicista, paradoxalmente moderna, para compreender justamente o que seria o pensamento pós-moderno. Se a nossa época evidencia uma incredulidade perante as grandes narrativas, se existe um apelo à multiplicidade e uma oposição às tentativas de totalização do sentido, não significa que não seja também evidente a continuidade dos ideais modernos de unidade, racionalidade e progresso.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001), por exemplo, refere-se a uma *modernidade líquida*. Já o filósofo francês Gilles Lipovetsky (2004), de inclinação mais liberal, refere-se a uma *hipermodernidade*. De maneiras bem distintas, os estudos de ambos os autores chamam atenção para a permanência de alguns ideais modernos paralelamente ao desenvolvimento do que se convencionou chamar de pós-modernidade. Ou seja, existem muitos caminhos para pensar a criação artística atual, a escolha de alguns estudos sobre a pós-modernidade é operativa, pois muitos fenômenos que são objetos de reflexão dos teóricos mencionados e muitos valores, qualidades, princípios identificados nestes estudos, acredito, podem auxiliar na reflexão sobre as

produções artísticas atuais. Em relação à dramaturgia, procurei destacar nesta pequena comunicação o princípio da *multiplicidade* e, associando-o ao ideário pós-moderno, questionar se a *rapsódia* poderia ser considerada uma estratégia "pós-moderna" para o drama. Esta provocação parte do reconhecimento da noção de *rapsódia*, formulada por Sarrazac (2002), como uma chave de leitura para diversas estratégias de criação que têm a *multiplicidade* como princípio, estratégias existentes desde sempre, mas tão frequentes na dramaturgia e em grande parte das artes contemporâneas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

RANGEL, Sonia. *Processos de criação: atividade de fronteira*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS, 4, 2006, Rio de Janeiro. Anais do IV Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

SARRAZAC, Jean-Pierre. *O futuro do drama*. Porto: Campos das Letras, 2002.